

## ANIVERSÁRIO DE A GAZETA

FOTO: REPRODUÇÃO DO LIVRO VITÓRIA CIDADE PRESÉPIO



Na década de 1940, a pacata Avenida Jerônimo Monteiro era por onde circulavam os bondes e os poucos automóveis que existiam na Capital

# 85 ANOS DE HISTÓRIA

## UMA VIAGEM NO TEMPO

A partir de hoje, A GAZETA começa contagem regressiva para mais um aniversário, a ser comemorado em setembro, com série de reportagens

CLAUDIA FELIZ  
cfeliz@redgazeta.com.br



1928. Nasce Ernesto Che Guevara; Leon Trotsky é preso na União Soviética; Benito Mussolini é alvo de um atentado na Itália; e Getúlio Vargas é empossado no governo do Rio Gran-

de do Sul para, dois anos depois, chegar à Presidência do Brasil, na histórica Revolução de 30. Assim era o mundo há 85 anos.

No Espírito Santo, Florentino Avidos concluiu seu quarto ano de governo, considerado dinâmico. Mas ladrões agem na Vila Rubim, e sonegadores de tributos fazem o mesmo, numa con-

corrência desleal com pagadores de impostos. Há também cobrança abusiva de preços praticada por carregadores das bagagens de quem chega a Vitória.

Carregadores de bagagem não existem mais – seus serviços foram substituídos pelo dos taxistas –, mas alguns problemas registrados por A GAZETA

no mesmo ano 1928 não lhe parecem atuais?

Na contagem regressiva a partir de hoje para os seus 85 anos, a serem comemorados em 11 de setembro, o jornal oferece aos seus leitores uma viagem no tempo, desde os anos 1920, quando o Espírito Santo, com uma população de apenas 457 mil habitantes – equivalente

a atual população de Vila Velha – era um Estado praticamente rural, com boa parte das suas terras em mãos de imigrantes, a maioria italianos.

### CELEBRAÇÃO

Ao longo dos próximos meses, para celebrar essa data, vamos produzir uma série de reportagens e en-

trevistas, no jornal e no portal Gazeta Online. E nessa celebração, vamos também promover eventos esportivos e culturais.

Em 1928, o Espírito Santo tinha apenas 57 mil domicílios ocupados, e, até um ano antes, sem dispor de um porto, mercadorias eram transportadas em chatas, retiradas de navios que fica-

FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA



Hoje, 70 anos depois, a via continua sendo o principal acesso ao centro da cidade; no local, ainda permanece o tradicional Teatro Glória, atualmente em reforma

vam ancorados no mar.

Foi justamente no ano em que A GAZETA foi fundada – a partir do desejo de Ostílio Ximenes – que tinha interesse em promover venda de terrenos em Camburi, numa parceria com o jornalista Thiers Vellozo –, que a Ponte Florentino Avidos (ou Cinco Pontes) foi inaugurada.

A ponte fazia parte do projeto de instalação de um complexo portuário na Capital do Estado.

Naquela época, bondes faziam o transporte coletivo, e era possível ver em circulação os que tinham rebocos de fabricação belga, com bancos para acomodar os passageiros. Nos anos 1930, chegaram a funcionar 16 deles na capital.

#### SEM TRILHOS

Só em 1942, os trilhos que existiam na Avenida Florentino Avidos, no Centro, foram removidos, mas esse meio de transporte de passageiros ainda perdurou por mais tempo. O último

bonde elétrico da cidade, que operava na linha Jucutuquara-Santo Antônio, deixou de funcionar apenas em maio de 1963.

Ainda nos anos 40, no apelo ao consumo, ferros elétricos e geladeiras chegavam a ser vendidos de porta em porta, com pagamento “em suaves prestações”.

A “modernidade” já era visível no primeiro Censo realizado no país, em 1940, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou, no Estado 586 domicílios com telefone e 3.993 com rádio-receptor.

#### SOBRE RODAS

Os fordecos, com motor de quatro cilindros, circulando em cidades do interior, despertavam uma curiosidade ainda maior dos moradores. Até 1936, a gasolina chegava enlatada aos donos dos carros, contados a dedo nesses locais, porque não havia posto de combustível.

Os ônibus passaram a circular em Vitória em

#### DADOS DO CENSO

## 16

**bondes**

Era a quantidade que circulava na Capital nos anos 1930.

## 750 mil

**habitantes**

Era a população em 1940; do total, 500 mil eram analfabetos.

## 177 mil

**domicílios**

Eram quantas casas tinham fogão a lenha na década de 1960.

1936, mas os primeiros a efetuar o transporte de passageiros eram, na realidade, caminhões adaptados, que se assemelhavam às jardineiras. Só em 1938 começaram a circular ônibus de carroceria fechada.

Em 1940 o Espírito Santo tinha 750.107 habitantes, e desse total 501.749 (66,8%) não sabiam ler e escrever. Hoje, são 78 os municípios capixabas, mas naquela época eram só 32, e apenas 21 dispunham de energia.

Havia constantes racionamentos, e curioso é saber que até 1960, a Serra, hoje um dos municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória, era iluminado por geradores a diesel.

#### AINDA A LENHA

A década de 1960 faz o Espírito Santo experimentar um salto de modernidade, em meio à crise do café. Mas é curioso saber que, na mesma década em que a primeira repetidora de televisão é instalada no Estado, dos

205.707 domicílios registrados pelo Censo só 10.643 dispunham de fogão a gás.

A lenha era ainda a fonte que fazia funcionar os fogões de 177.746 domicílios. Outros 5.570 eram a carvão e 6.970 a óleo e querosene. Rede geral de água? Só em 44.578 municípios, e iluminação elétrica em 57.485.

Era a época em que o rádio dominava a comunicação. Não por acaso, havia 48.438 imóveis com o aparelho, contra 159 dotados de televisores. No início dos anos 1960, a TV era mesmo artigo acessível apenas para famílias de alto poder aquisitivo no Estado.

Nas vias da cidade passaram a desfilar veículos como o charmoso Simca Chambord e o DKW Vemag, com seu motor de “ronco” característico. Mas esses também eram privilégio de poucos.

Vinte anos depois, um enorme “salto”. Com 2.063.679 habitantes, o Espírito Santo já exibia 221.719 domicílios com

aparelhos de TV – 44.429 deles com transmissão de imagens em cores. Nessa época, dos 418.821 domicílios registrados, as casas eram imensa maioria – 396.758, contra 22.063 apartamentos.

A chegada do novo milênio mostra o Estado vivendo um avanço tecnológico. Em 2000, com uma população de 3.094.390 habitantes, já dispunha de 830 mil casas com eletricidade e 272.039 com linhas telefônicas. No Censo aparecem micro-ondas em 134.640 casas; videocassete, em 270.686; e microcomputador, em 75.618. Automóveis particulares já eram 257.349.

Hoje, entre os muitos equipamentos, alguns dão o “tom” da modernidade que contrasta em muito com o cenário de 1928. Só para se ter uma ideia, há no Espírito Santo 4.587.888 linhas de celular, 366.408 de acesso a banda larga fixa de internet, e 236.056 pontos de TV por assinatura.

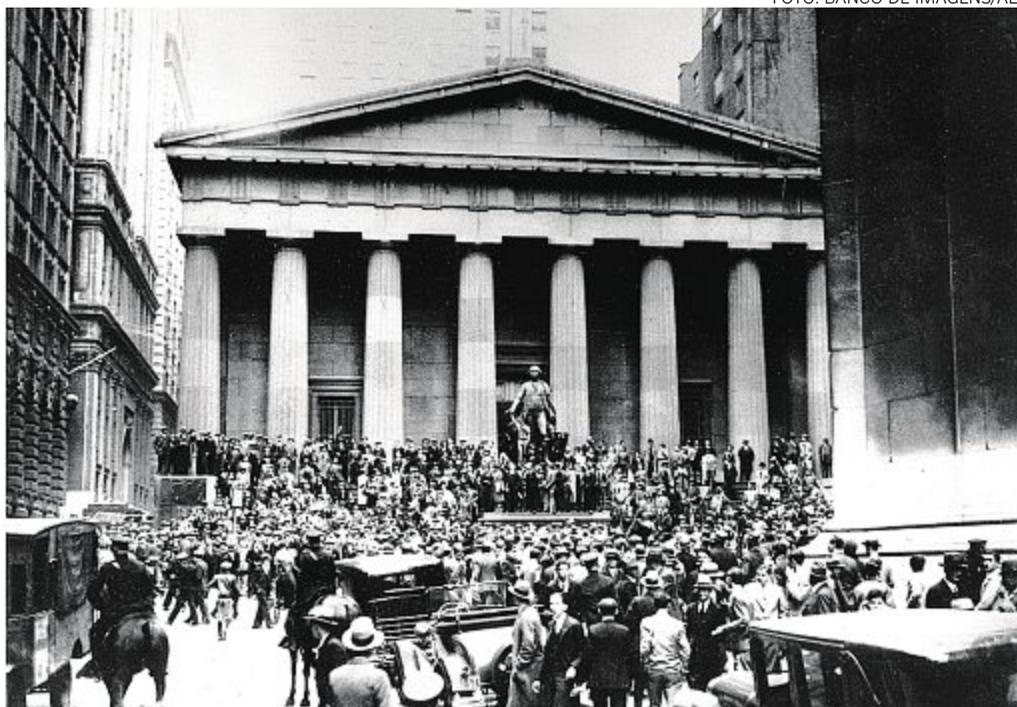
## 85 ANOS EM 85 FOTOS



## FALTAM

## 85 DIAS

A partir de hoje, A GAZETA publicará nesta seção, até o seu aniversário em 11 de setembro, uma foto de um momento histórico dos últimos 85 anos.



## CRISE DE 1929

Na foto de 24 de outubro de 1929, uma multidão em pânico se aglomera em frente ao centro financeiro de Wall Street, em Manhattan, após a quebra da Bolsa de Nova York. Foi o início da Grande Depressão, crise econômica que se estendeu ao longo da década de 1930 e é considerada o pior e mais longo período de recessão do século XX. Foi marcada por altas taxas de desemprego, quedas drásticas do produto interno bruto de vários países e redução intensa da atividade industrial em todo o mundo.

# A MEDICINA AVANÇA

## Pesquisa e tecnologia favorecem a atenção à saúde

CLAUDIA FELIZ  
cfeliz@redgazeta.com.br

Imagine um paciente com infecção, sem que haja antibiótico para tratá-la. Poissai-ba que essa realidade existia até 1928. Foi só aí, no ano em que A GAZETA foi fundada, que o bacteriologista escocês Alexander Fleming descobriu a penicilina. Agora tente imaginar como era o tratamento das doenças no Espírito Santo, nessa época de saneamento precário.

O Raio-X já havia sido descoberto em 1895, mas – pasme – na década de 1960, quando passou a atuar como médico pediatra, em Vitória, Etny Scarton Coutinho, hoje com 82 anos, lembra-se que no Hospital Infantil de Vitória – inaugurado em 1935 – havia apenas um aparelho disponível, e com precária capacidade.

Assim como ele, foi na Escola Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, que também se formou, em 1957, o ginecologista Saulo do Val, que nasceu em

o do Val, que nasceu em 1932, ainda se mantém na ativa, em Vitória, fazendo atendimento clínico.

No final dos anos 1950, Saulo Do Val lembra que médicos faziam todo e qualquer tipo de cirurgia. Penicilina e terramicina eram os antibióticos usados para tudo, porque os germes, ao contrário de hoje, não eram tão resistentes.

O tétano era ainda responsável por mortes de muitos recém-nascidos, também porque parteiras botavam até fumo e pó de café no umbigo de crianças.

### CÂNCER

Até os anos 1960, cirurgias de câncer de mama eram radicais. “Quando se identificava, a doença já estava muito avançada, com tumores de quatro, cinco centímetros”, diz Saulo do Val.

A mamografia já existia, mas o problema é que não era acessível. Pessoas

GABRIEL LORDÉLLO



Dr. Saulo do Val acompanhou o avanço da medicina

morriam de câncer com maior frequência, e não só de mama, mas também de estômago, pulmão, colo de útero, laringe.

Nos anos 50 já havia autoclave para esterilizar instrumento cirúrgico, mas – pasme – luvas de borracha eram reutilizadas. Assim como também eram reutilizadas seringas de vidro, esterilizadas em água fervente.

Saulo do Val lembra-se também de anestesiarem pacientes para cirurgia por meio de máscara com uso de éter ou clorofórmio. E tem mais: o pessoal de enfermagem também anestesiava.

Como não havia endoscopia, muitas vezes, dependendo do quadro clínico, era preciso abrir um estômago para saber a real situação do órgão.

### PÍLULA

Ainda nos anos 1960, Saulo do Val lembra do impacto causado pela pílula

anticoncepcional. “A pílula é importante no planejamento familiar, na profilaxia de aborto”, diz o médico, lembrando que, no início, o preço era caro e a dosagem de hormônio, alta.

O grande avanço no diagnóstico das doenças veio mesmo com os exames feitos por meio de imagem, como tomografia, nos anos 1970, e ressonância magnética, nos anos 1980.

Na área da cardiologia, outro médico, Shariff Moyses, lembra que a primeira cirurgia de válvula mitral no Estado foi realizada em 1971, e que até 1974 não existia cineangiografia e cateterismo.

Foi em 1976 que realizou-se no Estado o primeiro transplante de rim, e só em 2003 o de coração. Três anos depois, fígado e pâncreas.

E, como os avanços não param, Shariff já pensa na avançada cirurgia de implantação de suporte ventricular ou coração artificial.